

A DEFEZA

Orgão do Partido Republicano Liberal

DIRECTOR—DR. João Baptista Nunes da Silva

Editor—José Plácido d'Oliveira Ramos

ADMINISTRADORES:—Manoel Alves Correia
Joaquim Correia Dias

Redacção e Administração—Rua Antero de Quental, N.º 18

Assignatura	PROPRIEDADE DA EMPRESA	Anuncios
Continente e ilhas adjacentes, semestre... \$75	Composto e impresso na Tip. «Ovarense», Rua Elias Garcia, N.º 132—Ovar	Primeira publicação, \$8 centavos a linha. Repetições 54 centavos. Permanentes, contracto especial. Os srs. assinantes teem 25 p. c. de desconto.
« » » ano..... 1\$50		
Africa e Brazil « 3\$00		

O 1.º Congresso do Partido R. Liberal

Revestiu uma imponencia e um brilho extraordinarios o primeiro Congresso do Partido Republicano Liberal ha dias realisado em Lisboa.

Todos os filiados no novo Partido devem sentir-se sobremaneira orgulhosos pela fórma correcta e elevada como decorreu o I congresso do seu Partido. N'uma assembleia de milhares de individuos não houve a mais pequena nota que ferisse o espirito de ordem e sã compostura que sempre presidiu aos trabalhos do Congresso.

Sem retaliações nem odios acerados; sem ataques pessoaes nem insinuações mesquinhas e malevolas; mas sempre com Ordem e Tolerancia, foi bem um Congresso verdadeiramente republicano, que honrou deveras o Partido que o promoveu.

Firmemente esperanças na acção patriótica do novo Directorio do Partido ultimamente eleito pelo Congresso, saudamol-o com verdadeiro entusiasmo e efusão

Viva o Partido Republicano Liberal! Viva a Republica Portuguesa!

AO POVO

Está constituído o Partido Republicano Liberal com a fusão dos antigos partidos centrista, evolucionista e unionista, cujos chefes generosamente depuseram nas aras da pátria os seus bastões de comando, que elles souberam empunhar com gallardia á custa dos mais sérios riscos e aventuras.

Exemplo vivo de patriotismo, que é mistar assignalar, para confusão daquelles que por mero sectarismo se obstinam em acerar desde as primeiras horas a sua maldosa critica contra o novo partido, porque elle, vindo ao encontro duma imperiosa necessidade da pátria e da república, contramina tambem a propaganda dissolvente de certos elementos, apostados em levar á perdição este desditoso país.

Nunca fomos, e não o seremos jámais, profissional da política, no sentido pejorativo que esta palavra adquiriu nas modernas sociedades, essa política tacanha e mesquinha, que se confina em egoísticas adorações e em idolatrias que recordam as que certos povos menos policiados tributaram em todos os tempos a personagens muitas vezes mais mythicas que reaes. Dessa baixa política não queremos sêr comparsa; mas não devemos sêr tão ponderável pretexto regatear o nosso aplauso a um facto que se nos afigura transcendente nos domínios dela, justamente porque elle reflecte o estado psychológico duma boa maioria da nação e até certo ponto como que revive qualidades ethicas que suppunhamas obliteradas para todo o sempre no povo português.

Dêsde que se emancipou a nossa razão, lá nas fronteiras brumosas da adolescência, sempre nos sentimos intimamente republicanos, porque viamos neste systema político a integração dum dos mais belos principios da trilogia que os convencionaes francezes proclamaram em 92—a igualdade. Fomos intenso desde sempre ao endeusamento dos homens e á consagração das castas, cujas origens, fundadas numa hierárchica diferenciação de funções sociaes, se perdem na imensa nebulosa dos tempos.

Por isso mesmo, repugna á nossa consciência levantar altares a pessoas, quer elas se adornem com os doces arminhos dum manto e os fulgidos diamantes d'uma corôa, quer se enganem com o ouropele dum anel symbolico e o cromatismo de irisadas faxas, revivescência do mais puro sabôr pagão. Mas isto não quer dizer que, obscuro thuribulario do templo dos principios, onde a nossa fé ainda bruxoleia, tendo—ai de nós!—já ahi rebrilhado, não quer dizer, dizíamos nós, que não derramemos a nossa myrrha e o nosso incenso aos pés dum homem, se nele vemos incarnada, personificada uma ideia, uma modalidade do espirito humano.

Isto explica porque seguimos António José de Almeida na sua trajectória política desde os tempos aureos da propaganda até as sumidades apogísticas do poder, em que elle agora para, acima das luctas e vicissitudes dos partidos. Acostumámo-nos a vêr nesse homem o prototypo da nossa raça, a sublimação, se assim nos podemos exprimir, das varonis

qualidades dos nossos maiores, que tinham por timbre a mais desassomburada lealdade, a mais inconcussa honestidade e o mais acrisolado amor pátrio. Tudo isso temos visto condensado nos actos públicos desse homem; a lealdade no 14 de Maio, quando nobremente se confessou vencido; o amor pátrio na União Sagrada, quando, em sua consciência para salvar o país, funde e caldeia no cadinho da sua alma todos os seus sentimentos num só; a honestidade no severo escrúpulo com que resistiu ás luzentes seducções do erário público, do qual nunca usou em seu proveito o mais escasso ceitil.

Eis a razão de sêr da nossa política. Parece que nela há nobreza e elevação, porque se funda e louva nos dictames dum estremo puritanismo douteinário e se vasa nos mais rijidos moldes da moral.

Ingressando no novo partido, fazêmo-lo deliberadamente, certo de que os homens que o acaudilham teem sempre por norte político o amor da pátria, exemplificando por actos meritórios que acima de tudo está o bem publico, do qual serão dignos zeladores. E com effeito, não nos é lícito duvidar um só momento de que assim será, pois que nesse partido estão reunidos pelo mesmo ideal político homens cujas crenças republicanas não esmoreceram jámais, antes se teem afervorado no ardor dos combates em prol da definitiva implantação dos seus principios da democracia.

O Partido Republicano Liberal resultou da coalisão de forças políticas que andavam dispersas, mas não malavindas, cada qual tendo a sua bandeira e o seu programa, diferentes na apparencia, mas na realidade apenas complementares, porque as grada-

NUNES DA SILVA, medico-cirurgião, participa aos seus clientes e amigos que mudou o seu consultorio e residencia para a Rua de João de Deus n.º 113—Casa Luiz Ferreira.

Consultas—Na residencia ás 2.ª, 4.ª e 6.ª das 10 ás 13 horas
Nos domicilios todos os dias uteis.

ções, as meias-tinctas, a mortecôr dessas bandeiras esbatiam-se, apagavam-se umas nas outras, e as ordenações dos seus códigos partidários eram, embora sôb uma fórma literária diversa, estruturalmente a synthese mais perfeita duma mesma ideologia política, a colimar os mesmos fins e a valer-se de identicos meios.

Que admira, pois, que formemos como o mais humilde soldado num partido que se apresenta dirigidido por uma tão brilhante pleiade de homens, de cujos talentos esperamos a adopção de medidas que, para serem salvadoras, teem de ser enérgicas e urgentes, tanto é verdade que o país está á beira dum abysmo insondavel e os homens que nos teem governado ultimamente não mediram até agora, na vaporosa embriaguez da bacchanal administrativa, a grandeza da catástrophe que nos espera ao cabo disto tudo?

Lograremos, sôb a égide do novo partido, ver satisfeitos os nossos desejos, fortalecida a nossa crença e avivada a nossa fé nos destinos desta gloriosa pátria, malterida das fraticidas luctas intestinas e a gotejar ainda o sangue mil vezes precioso dos filhos que nobremente mandou á guerra, como outrora em defesa das damas inglesas, ultrajadas na sua honra, mandara os dize dela com o seu Magriço?

Tudo faz presupôr que sim: e por isso é que esse partido precisa, para o cabal desempenho da sua missão, de se amparar, de se escudar numa força política, inven-

cível á face da moral e das urnas. Querá o povo prestar-lha? Pela nossa parte, aqui lha pomos á disposição, para que amanhã não se diga que da nossa indiferença se gerou mais um infortunio para a pátria e para a República.

Adolpho Amaral.

Esclarecendo

Tendo corrido em alguns centros de cavaqueira que alem do director deste jornal, houve interferencia de terceiras pessoas, na apreciação de original a publicar, afim de repôr a verdade dos factos, damos publicidade ás seguintes cartas:

Meu caro Valente

Constando-me que chegou ao dominio publico, que entrara na redacção da «Defeza» original escripto sem espirito republicano, para a colaboração do primeiro numero, e que só por tua terminante opposição elle se deixara de publicar, venho pedir-te a finese de declarares se tiveste algum conhecimento ou interferencia neste assumpto, fóra da minha acção de director.

Peço consintas fazer uso da tua declaração.

Crê-me sempre amigo e correligionario dedicado

João Baptista Nunes da Silva.

Meu caro amigo

Do assunto a que se refere a

tua carta o conhecimento que tenho é o que nela me dá, tanto e tão inteiramente o ignorava.

A minha interferencia na elaboração do primeiro numero da «Defeza» limitou-se exclusiva e simplesmente á factura do artigo d'este jornal que ali amavelmente quizesse publicar, e isto quer dizer que o meu concurso foi, como é, de colaboração e não de redacção.

«O dominio publico» se com a atoarda quiz dar a entender, como o parece, que na «Defeza» só o espirito republicano teria garantia pela minha acção no quinzenario, erradissimamente julgou, o que, aliás, é o costume; levianissimamente cometeu uma injustiça o que, na verdade, é a sua pratica corrente.

Não, meu amigo! Nem sequer d'isto, absolutamente, nada sabia; d'isto, certa, absolutamente o que sei é o teor d'esta tua carta.

A «Defeza», para ser uma publicação periodica de indefectivel orientação republicana, não precisa de mim investido nas honras de sentinela á qualidade da bagagem que para lá entra, lá está o teu honrado nome, republicano de boa lei, na Direcção, *de facto* dirigindo, para tal orientação lhe imprimir, apesar do que caridosamente receie «o dominio publico» que assim, e quanto a isto, pode dormir sem inquietações as suas noites de inverno, grandes como a grande tolice humana.

Concluindo e repizando; nenhum original da «Defeza» sofreu corte, mutilação, exconjuracão ou expulsão ás minhas mãos que, apenas, em materia de original, conheceram o que o bico da sua pena escreveu ou escreveu; e está acabado o conto,

Amigo certo

Antonio Valente d'Almeida.

Vida nova

Mais dia menos dia há de rolar para a vala do esquecimento, a dormir o sono dos... nulos o ministerio do sr. Sá Cardoso.

Ao vê-lo baquear, os indiferentes, num relance do olhar distraído, encolherão os hombros num gesto apático de quem vive na descrença. Os martirizados respirarão com um pouco mais de alívio, e de sorriso esperançoso a bailar-lhes nos lábios, resarão sobre o féretro o R. I. P. Os amigos... mas terá, por ventura, quem com êle simpatize o democrático ministerio do sr. Sá Cardoso? Não o creio.

Após as declarações intempestivas e incivis até para um homem, quanto mais para um ministro, feitas no congresso do Partido Democrático, e com o assentimento e até aplauso dos ouvintes, pelo sr. titular da pasta da Justiça—declarações essas que são a qualificação de todo um partido e a vergonha de todos os republicanos; depois

da protelação continua e sistemática da concessão de uma amnistia, tenha ella a amplitude que tiver; depois de o senhor ministro da Instrução haver completado de uma maneira vergonhosíssima, a já vergonhosa obra do seu antecessor, o filósofo Leonardo; depois de... mas não mexamos mais na podridão que podemos empestar o ar... depois do já enumerado haverá quem contrito assista aos últimos momentos de semelhante ministerio?

Ora mais dia menos dia, dizia eu, rolará para a vala do esquecimento o ministerio do sr. Sá Cardoso. Quem lhe succederá?

Ao sentar-se nas cadeiras ministeriais o governo que a êste se seguir necessita de ter a consciência dos problemas nacionais de mais vital interesse, e para êsses problemas precisa cada ministro de levar dentro da sua pasta,

preparada já por um prévio e aturado estudo, a solução mais conveniente e mais consentânea com a equidade, com a lógica e com as necessidades e interesses da Grei.

A lavoura, a industria, o comércio e a instrução, pelo menos, precisam, mas inadiavelmente, para bem desempenharem o papel magno que lhes compete na valorização nacional, de serem encaradas seriamente, e não só seriamente mas conscientemente por homens de envergadura, susceptíveis de pôr um dique á torrente caudalosa de misérias que a ineptia e incoerência governamental vêm dia a dia engrossando.

Ao mesmo tempo, para uma acção conjunta na realização do mesmo fim levantado—e não só levantado, mas imprescindível até neste momento—a salvação do país—precisa a República de se desviar da orientação inteira e exclusivamente jacobina que até hoje a tem caracterizado; necessita para ser o ideal sacrossanto sonhado pelos precursors da República Portuguesa, de principiar a fazer uma obra nacional, pondo de parte o sectarismo estreito, tirânico e negativo que para o grupo até hoje dominante tem sido, por assim dizer, o farol a indicar a rota ao barco da governação.

Que o facho da Liberdade, empunhado por homens de pulso firme, illumine a estrada do Progresso ao povo lusitano; que o sentimento, sublime pelo que tem de humanitário, da Fraternidade enlace todos os portugueses num elo indestructivel de amizade e paz, onde não possa já mais entrar o virus do

rancor e da retaliação; que a Ordem se restabeleça enfim, de uma vez para sempre, para que com ella possa haver um trabalho profíquo.

Em conclusão: entre-se numa Vida Nova dentro da qual possam confiadamente todos os portugueses trabalhar para o levantamento desta «Patria Nossa Amada».

E essa vida nova só um ministerio saído do Partido Republicano Liberal a poderá empreender, porque só nêlesalvo o respeito devido por uma ou outra excepção perdida por entre as nulidades de qualquer outra facção—se encontram as verdadei-

ras competencias republicanas de que nos seja dado esperar uma governação com doutrina e finalidade, e que até hoje da vida activa teem andado afastadas pelo rumo desastrado que a politica tem seguido.

Mirone.

Imprensa

Aos colegas que referindo-se ao aparecimento da «Defeza», nos distinguiram com amáveis referencias, os nossos agradecimentos com os mais sinceros protestos de leal camaradagem. Seja-nos permitido especialisar o agradecimento aos jornaes «Republica» e «Luctu», de Lisbon, pela imerecida transcripção de parte do nosso editorial.

Os dirigentes

Se no dominio abstracto das theorias as instituições—pode dizer-se—valem pelas ideas e pelos principios de que são o corolario e a representação, no terreno positivo dos factos valem por estas, é certo, mas valem tambem, pelos homens que as incarnam e lhes prestam os seus serviços.

Por isso mesmo é que preziam de dirigentes que as prestijiem pela sua competencia no ezercicio dos logares e funções publicas, pela sua izenção e civismo no ezercicio do poder, pela sua honestidade e zelo na administração e na ezecução das leis.

A República, e isso não lhe tem dado prestígio, nem sempre tem sido servida por quem de direito pelas suas aptidões e virtudes, não tem tido, felizmente, governos concussionarios, tem tido, por mal de todos, governos inferiormente constituídos, de um elenco não conforme ao que as circunstancias, muitas vezes, clamorosamente impõem.

Deixando de lado o que havia ontem, e onde não faltariam citações profuzas de nomes a servir de comprovação no que acima dizemos, basta ir buscar ao presente uma demonstração exempli-

ficativa, que, para maior sanidade, se escolherá pela mais elevada categoria.

Passa o sr. Sá Cardoso por ser uma superior figura de governo, é, na verdade, uma pessoa amavel e um politico de espirito ou temperamento amigavel e conciliador—pelo menos assim nos parece nos sinédrios partidarios e em S. Bento—dispõe de cortezia e tacto bastantes para evitar situações conflictuosas irreparaveis mas, é um homem de governo, no amplo, viril e complexo sentido d'este, já hoje, abastardado termo?

Um comésinho incidente nos assevera que não, por mal de nós todos.

Joga-se ás escancaras em Lisboa e um tanto ou quanto por todo o paiz, transformando-se de dia para dia num imenso e imundo pano verde, e chamado a fazer cumprir a lei de repressão e de proibição do jogo o sr. Presidente do Ministerio umas vezes confessa, ante a surpresa atonita dos que o ouvem, que deixa a jogatina livremente imperar nos clubs para poupar á sociedade os horrores d'uma revolução—com r pequeno, visto ser batoteira de orijem—e outras vezes sorri-se sem dar resposta e sem se penitenciar

Folhetim

Ovar em 1758

DUAS PALAVRAS

De um velho documento podemos nós colher informações que nos habilitam a fazer a descrição do que era a vila de Ovar no ano de 1758 e um pouco da sua historia. Parece que este nosso trabalho não é destituído de interesse e tem algum valor para a definitiva historia da nossa terra e por isso o vamos publicar.

Ovar e os seus donatarios

Tinha esta vila a sua unica freguezia e pertencia á comarca civil e eclesiástica da Feira, diocese do Porto e provedoria de Esgueira. Era sua donataria a Casa do Infante que daqui leva-

va anualmente rendas importantes devidas pelo pescado da Ria e do mar e de vasta extensão de terras e juncaes. Eram pagas ao seu mórdomo no edificio do Castelo e pertença da casa dos Condes da Feira antes da sua incorporação na do Infantado.

Situação e produção

A sua situação em campina de areias cercada de terrenos alagadiços e outros lavradios e ferteis, não lhe permitia descontinuar freguezia nenhuma vizinha. A sementeira de pinhal ocupava notavel parte da sua área de areias, vendo-se na restante onde não assentavam os edificios largos tratos de vinha, horta, junco e pão, em que predominava o trigo, o milho e a cevada, sendo tambem largamente cultivada a aveia, o centeio e mais sementes meigas, principalmente azevem e trevo.

III

Sua população

A sua população, dedicada numa grande maioria á pesca na nossa costa e Ria e noutros pontos do litoral desde a Afurada a S. Jacinto, ao commercio do peixe na beira-Douro e Bairrada e no inverno na savara no Tejo—e a outra parte á lavoura e outras industrias, compunha-se de 7111 individuos á roda de 2393 fogos, disseminados pelos seus 17 lugares, assim: na Ruela 503, Ribeira 187, Acções 82, Granja 14, S. João 49, Barreiro 9, Cabanões, berço da vila, 33, Cimo de Vila 50, Sobral 58, Ponte Nova 48, Ponte Reada 28, Sanda 26, Torreira 1, Areias 2, S. Donato. couro da Ex.^{ma} Mitra do Porto, 26, Guilhovai 63, e Lagôa de Acções 28, ficando na vila propriamente dita 1186. Os dois últimos logares, Guilhovai e Acções, posto que pertencessem á freguezia de Ovar, faziam parte da extincta

IV

Egreja parochial e Vigario

A egreja parochial situada no meio da freguezia era um templo de oito naves, quatro por banda e quatro meias naves; duas junto ao coro e outras duas ao arco cruzeiro. O seu padroeiro era o actual, S. Cristóvão e seis os seus altares: Capela-mór onde estava o Santissimo e a imagem do Padroeiro; um de cada lado do arco cruzeiro, sendo o da direita de quem entrava de Nossa Senhora do Rosário e o da esquerda, de Nossa Senhora do Pilar e Almas; o dos Passos em capela com corpo fóra da parede lateral do Norte e logo a seguir o do Senhor da Agonia que tinha em frente na parede lateral oposta o de S. Bartolomeu, hoje do Sagrado Coração de Jesus.

Havia nela as Irmandades:

de S. Cristóvão estabelecida desde o principio da freguezia que tomara já antes da sua mudança de Cabanões este novo padroeiro, deixando o antigo que era S. João Baptista. Desta confraria eram obrigados a fazer parte todos os individuos dum e outro sexo que tomassem estado, sendo voluntaria a entrada para os solteiros e clérigos; e mais a dos Passos, antiquissima e a das Almas.

Tinha vigário colado de apresentação *in solidum* do Cabido que por Bula que obteve recebia os dizimos, arrendados por sete mil cruzados anuaes. O pároco cobrava para si apenas a congrua e pé de altar que em média rendiam seiscentos mil reis ou o máximo dois mil cruzados.

Continuar-se-ha

M. Lirio.

da cumplicidade que é, na verdade, tremenda.

O espectador d'isto tudo, que é afinal toda a gente, que conclue? Conclue naturalmente que isto não é direito nem serio porque, ou o Presidente de Ministros faz cumprir a lei, ou se esta contende com o seu criterio, a substitue e abroga pela que d'accordo com a sua consciencia, ou, então, abandona o governo.

A ordem nos espiritos e na sociedade, sem a qual não ha direcção politica possível não se pode estabelecer com absurdos d'este tamanho; a confiança em quem dirige os negocios publicos não pode formar-se e perdurar perante funções do executivo tam desastrosamente arbitrarias.

Este caso da tavolagem, que a escassos e palidos protestos tem dado orijem, não é, infelizmente, o unico facto de que seja permitido tirar conclusões em desfavor das entidades collocadas no pinnaculo da hierarquia politica, é um d'elles, entre muitos mais.

Os dirijentes devem aos seus logares, á Republica, ao paiz, lições de força moral e de dignificação dos poderes de que accidentalmente estão investidos; quando assim não é eles perdem na consideração racional, o que é pouco, e perde no espirito simplista do povo a Republica—o que é muito.

ANTONIO VALENTE.

Xadrez

Alviçaras

Dão-se a quem fôr capaz de encontrar a dentro do partido democratico um bom republicano que queira tomar conta do logar de Administrador do Concelho, vago já há mais de um mês.

Não é preciso o bilhetinho do regedor a atestar a qualidade republicana do candidato.

Para mais esclarecimentos, falar na Administração do Concelho das 13 horas ás 13 e 5 minutos.

Inconsciencia nacional

Os leitores (creio que os tenho) tiveram conhecimento daquela conferencia em que o sr. Tomé de Barros Queiroz pôs ao léu todos os nossos pôdres?

Não se lhe puzeram em pé, estaeadinhos, os cabelos da cabeça (parto do principio que não tenho leitores caréas) ao repararem no descabro das nossas finanças, naquella série infinita de misérias, nesta estupenda penúria em que vivemos?!

E, no entanto, nunca se gastou tanto, nunca houve tanta festarola e tão grande concorrência nos teatros, nos cinemas e em todo o género de diversões!!!

E então o luxo que por ai se vê!

Franqueza, franque-

zinha, somos um povo muito reinadio, ou então muito inconsciente.

Fim do mundo

E que me dizem Vosselências áquele Porta que se lembrou de prognosticar para o próximo dia 17 o fim do mundo?

Sempre nos aparece cada um!

Relâmpagos, raios, trovões, tremores de terra, chuva a potes, mettaes fundidos a cair-nos pela cabeça abaixo, os cometas á pancada ou, como hoje se diz, á traulitada uns aos outros, e o sol, que parece tambem ir comendo do céu por tabela, furado ou a cair aos pedaços, as estrelas a bailarem numa dança macabra, etc., etc. uma série infinita de coisas que reduziriam tudo isto a... pó, a cinza, a nada.

Para o quadro ser completo só faltaram os automoveis a toda a velocidade, atropelando toda a gente e arrazando os ouvidos dos cidadãos passeantes com o barulho ensurdecedor das variadas e exquisitas buzinas...

E levanta-se um paideiro á meia noite...

Obra de caridade

A alma caritativa que souber dar relação do paradeiro da água do chafariz do Largo Serpa Pinto róga-se encarecidamente o especial favor de o ir participar á Camara Municipal, ao vereador do respectivo pelouro.

Não se podem dar os sinais, não só porque há tempo imenso já que ella desapareceu, mas tambem porque raras vezes se mostra ao público.

Jorge d'Aguilar.

Partido Republicano

Liberal

Do nosso correligionario sr. José Rodrigues de Figueiredo recebemos a seguinte declaração a que prontamente damos publicidade:

...Sr. Director do jornal «A Defeza».

Peço a publicação no seu lido jornal do seguinte:

Tendo sido procurado por um amigo meu de combinação com alguns politicos que pretendiam eleger a Direcção do Partido Republicano Liberal affim de fazer parte da mesma e não me satisfazendo os resultados da respectiva eleição, venho declarar que não aceito o cargo para que fui eleito para a Comissão Municipal.

Ovar, 24 de novembro de 1919.
José Rodrigues Figueiredo.

N. da R.—Extranhámos que este nosso presado correligionario, não nos dê a conhecer na declaração que trouxe a publico, os claros motivos, se os tem, que o levaram a recusar-se ao cargo que os delegados de todas as comissões paroquias do concelho, em reunião

conjunta e por unanimidade, lhe confiaram na Comissão Municipal de Ovar.

E se assim não fôr, então sem receio de que nos acoidem de indiscretos, daqui lhe perguntamos, presado correligionario, porque não lhe satisfazem os resultados da respectiva eleição?

Correspondencias

Esmoriz, 25.

Esmoriz lançada ao ostracismo! Não pôde ser! Esmoriz espesinhada, vexada, esmagada, insultada... por quem? Onde está a auctoridade moral para o fazer? E' o direito da força ou a força do direito? Digam aqueles a quem o odio vermelho (se é que o odio tem cor) domina e de cuja boca peçonhenta esvurma a raiva, que motivos têm para lançar Esmoriz ao abandono! Falem, não se acovardem, mostrem mais uma vez quem são, quanto valem e quanto pesam!

Esmoriz relegada? Porque? Tu, oh Esmoriz, digna de melhor sorte, que tens atravessado dias bem amargos, que tens chorado lagrimas de verdadeira dôr, que tens sofrido toda a casta de patifarias desde o escroquismo ou vigarismo até á tentativa de assassinato, ainda tens coragem para arrostar tantos males?

Tu, a primeira freguezia do concelho, comercial e industrialmente falando, necessitas ou precisas de esmolar, ou ser bajuladora? Não, não e não!!! Precisas de fazer valer, mas é os teus direitos! Necessitas de te impôr a quem pretende velar por ti! Que a tua voz seja ouvida!! Que as tuas reclamações sejam atendidas! E quem até hoje tem tido esse cuidado? Ninguém!

Em 1879 foste o pomo da discordia e hoje deixam-te ao abandono. E' que esses que te arrancaram a tua mãe, já morreram... Fizeram-te tagatés, ofereceram-te tudo quanto quizesse. E a verdade quer que seja, mos verdadeiros. Quanto te prometeram, quanto te fizeram!... e se mais mal te não fizeram, é porque não tinham prometido mais.

Poderíamos citar todos esses beneficios, mas para quê?

Morreram... e os descendentes e alguns mercenarios d'hoje lançam-te para o esquecimento!

Que pena os engenheiros do Vale do Vouga não terem feito o traçado da linha mais proximo?

Qual outro filho prodigo voltaria á casa paterna que te enriqueceria de dadias e exultaria de alegria, mas...

Já agora, coragem! Pelo facto de meia duzia de párias, que todos conhecem no concelho, tripudiarem criminosamente, has-de abandonar o teu pae adoptivo? Não. Toda a gente de caracter e nobres sentimentos conhece e muito bem os teus malsinadores, aqueles que te odeiam e te têm despresado. Tu serás sempre Esmoriz!

Um grupo de homens bem intencionados vendo os desvarios inqualificaveis que todos os dias se cometem, esperam pôr um freio a esses desmandos.

Cobra animo, que esses que te têm vendido, são filhos espurios, esses que te têm tentado assassinar, são os filhos das trevas que atiram a pedra e escondem a mão, negando com cinismo o seu iniquo procedimento, escondendo-se atraz duns miseraveis que nada tem que perder e que na hora da justiça se intitulam uns perseguidos. Têm-te tripudiado e vilpendiado, mas as acções só ficam mal a quem as faz e o desprezo é o unico meio de os confundir.

Para traz vis vendilhões, dirás. Terçai as armas, ponde a viseira, vesti o arnez, pegae na

vossa hacha e saf a campo descoberto.

E tu, nobre Esmoriz, não percas a tua serenidade, mostra a tua altivez e os teus pergaminhos de fidalga. Tem confiança nesse grupo de amigos, a tua voz será ouvida, os teus desejos satisfeitos e a justiça ser-te-á feita.

Terás dias de alegria e lembra-te que os romanos em contraposição ao Capitolio tinham a rocha Tarpeia.

Ignotus.

Noticiario

CARTEIRA MUNDANA

Fizeram anos:

No dia 21, o sr. Americo Peixoto.

No dia 24, a sr.^a Rosa d'Oliveira Dias, esposa do sr. Manoel Ferreira Regalado.

No dia 25, as meninas Maria Odete, filha do sr. Antonio Maria Pereira de Carvalho; Maria do Cen, filha do sr. Antonio de Pinho Branco; e Eduarda, filha do sr. Manoel Lopes Guilherme.

No dia 27, os srs. Ernesto Augusto Lopes da Silva e Manoel Valente.

No dia 28, o nosso correligionario e amigo Manoel Lucio Cordeiro.

Fazem anos:

No dia 5 do próximo mês de dezembro o sr. João Pinlo Camêlo.

No dia 10 o sr. Joaquim Augusto Ferreira da Silva.

No dia 13, o sr. Manoel Antonio Lopes.

— Baptizou-se no dia 9, recebendo o nome de Afonso, um filhinho do sr. Guilherme Correia de Sá, servindo de padrinhos a sr.^a Rosa Gomes de Jesus, avó da criança, e o sr. Afonso Dias de Carvalho.

— Vindos de Lisboa, onde foram julgados e completaram a pena a que haviam sido condenados por motivo politico, chegaram a esta vila os srs. Augusto Abragão e Antonio Pinto Lopes Palavra. Com estes foi tambem posto em liberdade o sr. José de Oliveira Ala.

Como seus amigos pessoais cumprimentamo los por terem readquirido a liberdade.

— Seguiu há dias para Lisboa o nosso querido amigo e illustre correligionario Adolfo Amaral, devendo embarcar ali, para o Pará. Fazendo os nossos melhores votos para que a sua preciosa saúde o não desacompanhe no seu incansavel labor, daqui lhe enviamos o nosso estreito abraço de despedida, certos de que a sua amizade não esquecerá este jornal com uma colaboração tão illustrada como intelligente.

— Para o Rio de Janeiro partiu há dias, com sua esposa, o nosso conterraneo e amigo dr. Elisio de Matos.

A todos desejamos uma viagem felicissima.

— Regressaram já de Lisboa, para onde haviam ido a tomar parte no primeiro congresso do partido republicano liberal, os srs. Joaquim Correia Dias, como representante da comissão municipal desta vila; Manoel José Marques de Sá, como representante da comissão paroquial da freguezia de Esmoriz; José Marques de Oliveira Violas, José Agostinho Gradim, Manoel Marques da Silva Rôla, Francisco Marques da Silva Rôla e Joaquim Marques da Silva Rôla, pela de Cortegaça; e Joaquim Rodrigues Ribeiro, pela de Maceda.

Como representante do nosso jornal tomou igualmente parte no Congresso o nosso amigo e illustre director d'«A Defeza» sr. dr. João Baptista Nunes da Silva que no próximo passado dia 21 partira para Lisboa.

— Nêsse mesmo dia retirou-se tambem para a capital o nosso conterraneo e amigo sr. Gonçalo Ferreira Dias.

Julgamento

Nos próximos passados dias 19 e 20 do corrente mês realisou-se no tribunal desta comarca a audiencia de discussão e julgamento da que-rela pública que o Ministerio Público moveu contra Azer Rodrigues da Silva desta vila, por na noite de 11 para 12 de fevereiro último haver espancado sua sogra D. Amelia Rezende, na própria casa desta, onde, por uma claraboia existente no telhado, se introduzira, espancamento de que resultou, dias depois, a morte.

Iniciados os debates, usou da palavra em primeiro logar a accusação official representada pelo Ex.^{mo} Dr. Afonso de Gouveia Pinto de Mascarenhas, seguindo-se-lhe a particular a cargo do sr. dr. José Antonio de Almeida, advogado nesta vila, que numa oração brilhante expôs os factos comprovadores da attribuição do crime ao Azer Rodrigues, e em palavras sentidas, que por vezes arrancaram lagrimas á assistencia, terminou por pedir a condenação do réu.

O Meretissimo Juiz concedeu depois a palavra ao flustrado advogado defensor, sr. dr. Elmano Cunha e Costa, que, pela fama de que vinha precedido, pela palavra facil e fluente e pela forma como procurou rebater toda a accusação, manteve a assistencia numerosissima continuamente suspensa num crescendo de interesse.

Uma vez reunidos os jurados, deram estes como não provado o crime de homicidio voluntario, mas como provado, sem intenção de matar, o de espancamento de que resultou a morte, pelo que o digno Magistrado Presidente do Tribunal condenou o réu na pena de 5 anos e 36 dias de prisão maior celular, ou em 8 anos e meio de degredo em Africa, sentença esta de que o agente do Ministerio Público apellou.

Agradecimento

Antonio Pinto Lopes Palavra, negociante em Ovar, morador na Rua Dr. Mannel Arala desta vila, vem por este meio, por o não poder fazer pessoalmente, reconhecido agradecer a todos os seus amigos e pessoas das suas relações, todas as provas de estima e consideração que lhe dispensaram assim como os seus prestimosos serviços, durante o tempo da sua reclusão na cadeia de Ovar e Penitenciarias de Coimbra e de Lisboa, não exceptuando tambem aqueles que, de si e de sua familia se informaram em sua casa.

Inclui tambem neste penhor, todo o pessoal das duas já referidas Penitenciarias onde se encontrou cumprindo pena, desde a entidade e empregado superior ao menos graduado, pelo respeito e consideração que sempre lhe dispensaram durante o periodo em que se conservou nestos Estabelecimentos Penaes.

A todos os presos politicos seus companheiros, agradece reconhecido a amizade e consideração com que sempre o honraram e com o que ficou e está muito penhorado, aproveitando o momento para respeitosa e modesta homenagem os seus insignificantes e pouco valiosos serviços e prestimos, na sua residencia na Vila de Ovar.

Antonio Pinto Lopes Palavra

Augusto de Quadros Abragão serve-se deste meio para publicamente agradecer penhoradissimo a todos os que tiveram a gentileza de o visitar durante o tempo que esteve preso em Aveiro, Coimbra e Lisboa, bem como aos que foram visita-lo a sua casa, após a sua chegada a esta vila.

Relojoarias—Antonio da Cunha Farraia e Augusto da Cunha Farraia.

Fazendas—João Alves Cerqueira, João da Silva Ferreira, Manoel Pepulim, Manoel da Silva Ferreira, Maria Graça Praça, Rosalina Muge.

Modas—Aurora Folha, Vinva Pinho, Manoel Tenha, Angelo Gonzalez.

Tabacarias—Casa Peixoto, Havanaes Ovarense, Angelo Gonzalez.

Medicos—Dr. Alberto Tavares, dr. Domingos Lopes Fidalgo, dr. João Nunes da Silva, dr. João Maria Lopes, dr. João d'Oliveira Baptista, dr. José Duarte Pereira do Amaral, dr. Salviano Cunha.

Jornaes—“Ovarense”, director, Placido Augusto Veiga; “Patria”, director, Manoel Augusto Nunes Branco; “João Semana”, director, P.º Manoel Lirio; “A Defeza”, director, João Nunes da Silva.

Pastelarias—Celeste Gomes Pinto & Irmãs.—Casa Peixoto.

Bicicletas de aluguer e reparações—Manoel Lourenço Ferreira, Jacinto Ferreira, Guilherme de Matos.

Trens de aluguer—José Pinto Loureiro, Constantino Gomes de Pinho.

Barbearias—Hig-Life—Central—José Ferreira.

Sapatarias—Manoel Rosas e Candido Ferreira de Azevedo.

Fotografia—Ricardo Ribeiro & Filhos.

Farmacias—Augusto Lamy, Carlos Baptista, Carmino Lamy, Delfim Lamy, Ernesto Lima, Manoel J. Rodrigues e Isaac Silveira.

Hospedarias—Casa Jeronimo Alves Ferreira (Filhos).

Casa Simões.

Casa Tavares.

Exportadores de pescado

—Joaquim Valente d'Almeida, Antonio Pinto Palavra e Manoel da Fonseca Soares.

Padarias:

“Ovarense”—Fabrica—União das Industrias de Padarias L.º



Officina
— DE —
Calçado

MANOEL ROSAS

MARTIRES DA LIBERDADE
OVAR

E' esta a sapataria d'Ovar onde se faz o calçado mais perfeito. Sempre justo ao pé como uma luva, sem magoar, nem apertar. Trabalho sólido e bem acabado. Execução rápida, acabamento perfeito e seguro.

Tarifa camararia
Para o ano de 1920

Trigo	20 litros	4\$00
Milho branco	» »	2\$80
» amarelo	» »	2\$70
Centeio	» »	3\$60
Cevada	» »	3\$40
Føjão branco	» »	6\$00
» vermelho	» »	6\$00
» rajado	» »	5\$00
» amarelo	» »	6\$00
Aveia	» »	2\$80
Fainço	» »	2\$80
Pão meado	» »	4\$00
Batatas	15 kilos	2\$20
Vaca	1 »	\$90
Manteiga	1 »	2\$10
Cera	1 »	2\$40
Linho	1 »	2\$00
Azeite	1 litro	\$80
Vinho grosso	1 »	\$16
Ovos (cada cento)		6\$00
Galinha (uma)		2\$30
Friango (um)		1\$50
Melancia (uma)		\$20
Melão (um)		\$20

COLEGIO OVARENSE—OVAR

Acaba esta acreditada casa de educação e ensino de criar uma secção infantil para crianças de 4 anos até aos 7. O preço da mensalidade é de 1\$000 reis. Ali se tratam com todo o amor e carinho as crianças a que se destina a secção.
No Colégio lecciona-se desde instrução primaria rudimentar até ao 7.º ano dos liceus. Admite alumnos em qualquer altura do ano.

Ourivesaria

RELOJOARIA

— DE —

José Placido d'Oliveira Ramos

Sucessor de PLACIDO O. RAMOS

Oficina e especialidade em finissimos objectos d'ouro e um sortido completo em estojos de prata proprios para brindes

Compra ouro, prata e pedras preciosas

73—Rua Elias Garcia—75

OVAR

ARMAZEM DE CEREAS

—de—

Francisco Correia Dias

Ovar

R. CANDIDO REIS,
End. telg.—C. Dias—OVAR
Deposito de arroz nacional e legumes.



Atlantica



Companhia de Seguros

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social (Escudos) 500.000\$00
Capital realizado (Escudos) 150.000\$000
Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$00

Sede: Lotos, 92---PORTO

Receita de 1914 (Esc.)	36.988\$03,5	Sinistros pagos em 1914—	22.601\$41
» de 1915 »	71.197\$29,5	» » em 1915—	25.903\$15
» de 1916 »	537.897\$94,3	» » em 1916—	153.470\$90
» de 1917 »	3.139.404\$23	» » em 1917—	1.427.035\$74

Afóra os que se teem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Hespanha e Egito.
Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra greves e tumultos.
Seguros agriculas. Seguros contra quebra de cristaes. Seguros de guerra. Seguros maritimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

Conselho de Administração:

Manoel Joaquim de Oliveira	
Dr. José Maria Soares Vieira	
Silvino Pinheiro de Magalhães	
Dr. Leopoldo Correia Mourao	Directores
Jaimé de Sousa	delegados

Agentes em todas as terras do paiz

Comissarios de avarias em todos os portes do mundo

TIP. OVARENSE

R. Elias Garcia—OVAR

N'esta casa executam-se todos os trabalhos graficos, por preços sem competencia, taes como: programas, prospectos, circulares, memorândums, envelopes, cartões de visita e de luto, postaes, participações, estatutos, diplomas, jornaes e livros.

Trabalhos primorosos e simples.
Impressões a cores, ouro, prata e bronze.
Encadernação e douramento de livros